

Grupo Corpo de BH é sucesso em Nova York

CLEUSA MARIA
Agência JB

Fazer sucesso em Nova York não é fazer sucesso em qualquer lugar. É seduzir o umbigo do mundo. O Grupo Corpo, de Minas Gerais, sabe disso. Apesar de nervosa, a estréia da companhia na noite de terça-feira no Joyce Theater de Nova York, na 8ª Avenida com Rua 19, surpreendeu a plateia que lotou os 484 lugares da casa.

“Ninguém esperava que um “brazilian dance theater”, como o grupo está sendo anunciado, apresentasse coreografias sobre Chopin, Richard Strauss ou Mozart. E muito menos se imaginava que a qualidade das coreografias e de interpretação dos bailarinos tivesse nível internacional. O público ficou de queixo caído”, regojizava-se o empresário do grupo, Walter Santos, na manhã de ontem, poucas horas após a aplaudida apresentação. Por telefone, ainda sonolento no seu quarto do Hotel Ocott, ele relatava uma cena da noite anterior: “Depois da estréia, durante o coquetel oferecido pela Shell Brasileira, que patrocina o grupo no Brasil, a diretora do Joyce Theater, Lisa Loower, disse para o coreógrafo Rodrigo Pederneiras que o Corpo era a melhor companhia desta temporada de outono do Joyce”.

A euforia se explica. O Joyce Theater é um palco exclusivo para a dança. Acolhe apenas companhias modernas e que passem pela aprovação do conselho da casa. O Corpo não só passou pela peneira fina como foi o protagonista de um fato raro na história do teatro. Escolhidos para uma semana de apresentações nesta temporada de outono (de lá, é claro), ao lado de grupos como o Pilobolus, os mineiros conseguiram a façanha de vender 80% dos ingressos para assinantes. “Os assinantes podem escolher um mínimo de quatro companhias por temporada. Houve uma concentração de interesse em torno do Corpo, que atribuo, inicialmente, ao fato de ser uma companhia brasileira que não dança lambada”, diz o bem-humorado Walter Santos. O público do Joyce Theater tomou conhecimento das apresentações através de um anúncio de página inteira no The New York Times. O teatro divulga-

va a programação da temporada de outono e apresentava, em pequenos verbetes, as companhias participantes. Além disso, a direção do Joyce imprime a cada temporada, 140.000 brochuras sobre as companhias distribuídas por toda Nova York. O Corpo, que sobe ao palco depois das companhias de Molissa Fenley e Jennifer Muller, foi anunciado como a mais importante companhia brasileira e como uma das melhores da América Latina.

“Por uma coincidência e por muita sorte nossa, o grupo que ocuparia o Joyce na semana seguinte cancelou seus espetáculos. O teatro correu atrás e nos ofereceu o palco por mais uma semana. Assim, a temporada do Corpo no Joyce Theater, que se encerraria no domingo, se estende até o dia 11. Os ingressos para a segunda semana já lotam uma casa. “O teatro acredita que com o boca-a-boca e com as críticas que começarão a sair, os ingressos se esgotam também na segunda semana”, comenta o empresário. Mas a mão do acaso só deu um empurrãozinho num grupo que desde sua criação, em 1974, já provou em muitos palcos do País, da América Latina e da Europa, que pode entrar em cena em qualquer lugar do mundo, como fez no Teatro de La Ville, em Paris, dançando o balé “Maria, Maria” (música de Milton Nascimento), um dos grandes sucessos de sua história. Criado pelo diretor Paulo Pederneiras, o grupo, com endereço fixo em Belo Horizonte, segue os passos do brilhante coreógrafo Rodrigo Pederneiras e talvez seja a única companhia de dança do País que conta com um patrocínio de US\$ 700.000 anuais, renovado até 1992 pela Shell do Brasil.

Mas Nova York está sendo apenas o topo de uma turnê de 33 dias pelos Estados Unidos, a primeira do grupo na América do Norte, que vinha sendo programada há cinco anos pelo empresário Walter Santos. “Levei anos montando essa turnê, em doses homeopáticas”, diz Santos que conseguiu incluir o Corpo entre os grupos com que trabalha o respeitado “mannager” Sheldon Soffer, o mesmo das companhias de David Parsons, Momix e Pilobolus. Com este trunfo nas mãos e o respaldo das críticas colhidas

ao longo da carreira, o Corpo conseguiu armar uma turnê com apresentações em importantes teatros dos Estados Unidos. Na bagagem, além dos 1.100 quilos de cenários, 17 malas de figurinos, e dos 23 integrantes da companhia - são 18 bailarinos - o grupo carrega um repertório com algumas das mais aplaudidas criações de Rodrigo Pederneiras, divididas em dois programas.

Nas apresentações de abertura, dança “Prelúdios” (música de Chopin, criado em 1985); “Canções” (Richard Strauss, 1987) e “Missa do Orfanato” (Mozart, 1989). No segundo programa, apresenta um balé único, “A Criação”, coreografia de Rodrigo para o “Oratório”, de Haydn, que teve estréia nacional este ano.

“Os dois programas têm sido igualmente aplaudidos”, conta Walter Santos. A turnê, que começou dia 18 de outubro em Tucson (Arizona), encheu dois terços dos 2.600 lugares do Centennial Hall, por duas vezes. O grupo seguiu para Iowa e repetiu o feito, aplaudido de pé na apresentação única do Hancer Auditorium. Assim, chegou a Los Angeles, a Nova York da costa Oeste, e dançou duas noites no Royce Hall (1.600 lugares), da Ucla. “Em todos os lugares o grupo recebeu críticas fantásticas. Gene Armstrong, crítico do The Arizona Daily Star, que não gosta de nada, chamou Rodrigo Pederneiras de gênio, do começo ao fim e disse que não tinha uma vírgula a ser tirada da companhia”, reporta o empresário. O mesmo aconteceu com o respeitado Lewis Segal, do The Los Angeles Times. “Ele comparou Rodrigo a Jiri Kylian, do Netherlands Dans Theatre, o maior coreógrafo da atualidade”, reproduz ainda Walter Santos.

É verdade que a turnê obriga o empresário a trabalhar em ritmo de escravo branco. “Tem sido uma trabalhadeira. Só para transportar toda a bagagem do aeroporto Kennedy para o Joyce Theater fiquei dependurado no telefone de 7 às 17 horas”, disse. Nada que doa tanto, afinal, entre outras surpresas felizes, Walter e o Corpo retornam ao Brasil, dia 19, com muitos compromissos na agenda. “O grupo foi convidado formalmente a voltar em 92, em todos os lugares em que se apresentou.



Cena do espetáculo “A Criação” que esteve em São Paulo e agora faz sucesso junto ao público e crítica de NY

Poços de Caldas terá festival de música erudita

O italiano Francesco la Vecchia, diretor e regente da Orchestra Sinfonica di Roma, e o búlgaro Victor Chouchkov, regente titular da Bulgarian Television and Radio Symphony Orchestra, estarão, no próximo dia 7, quarta-feira, lançando o 1º Festival Internacional “Música de Verão”, que se realizará em Poços de Caldas (MG), entre os dias 7 e 27 de janeiro de 1991. O lançamento oficial do festival acontecerá às 15 horas, na sede da Fiat do Brasil, Av. Paulista, 407 - 4º andar, São Paulo. Os dois maestros irão falar da programação de concertos, dos cursos de aperfeiçoamento musical e das bolsas de estudo para cursos de verão em Roma, que serão dados no festival. Nos 20 dias do festival, estão programados 16 concertos com orquestras européias e brasileiras. Os cursos serão ministrados por professores italianos e búlgaros, da Orchestra Sinfonica di Santa Cecilia, da Orchestra Sinfonica di Roma e da Bulgarian Television and Radio Symphony Orchestra. Entre os cursos que serão oferecidos estão: regência, oboé, trompa, trompete, trombone, violino, violoncelo, viola, piano, contrabaixo, clarineta, música de câmara, canto e técnica vocal, entre outros.

Também serão dadas três bolsas de estudo para cursos de verão da Arts Academy de Roma. O músico brasileiro que tiver o melhor desempenho nos cursos na Itália terá uma apresentação solo com a Orchestra Sinfonica di Roma. O 1º Festival Internacional “Música de Verão” tem o apoio cultural da Fiat do Brasil.

OS REGENTES

O maestro Francesco la Vecchia fundou a Arts Academy de Roma em 1979. Em poucos anos ele levou a Roma importantes concertos (foram mais de mil em dez anos) e atividades didáticas. Foi aluno de Franco Ferrara.

Compositor e pianista, Victor Chouchkov estudou no Bulgarian State Conservatoire e na Accademia di Santa Cecilia, em Roma. Ganhou alguns importantes prêmios.